

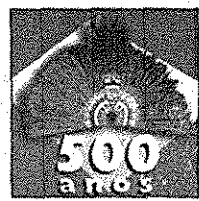
PERSEGUIÇÃO CONTINUA

# Índio sobrevive nos 500 anos

ORLANDO FÁRIAS E JOÃO PINDUCA RODRIGUES  
ENVIADOS ESPECIAIS

(...) Assim, quando o batel chegou à foz do rio estavam ali 18 ou 20 homens, pardos, todos nus, sem nenhuma roupa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arco nas mãos e suas setas. A feição deles é serem pardos, quase avermelhados, de rostos regulares e narizes bem feitos; andam nus sem nenhuma cobertura; nem se importam de cobrir nenhuma coisa, nem de mostrar suas vergonhas".

\* Trecho da Carta do escrivo Pero Vaz de Caminha.



A SAGA DOS NATIVOS PODE SER RELEMBRADA DURANTE AS FESTAS DE MEIO MILÊNIO DA DESCOBERTA DO BRASIL, MAS ELES CONTINUAM A SE QUEIXAR DA EXPLORAÇÃO E DO DOMÍNIO DOS ESTRANHOS

PORTO VELHO – No limiar dos 500 Anos da Descoberta, o habitante natural do Brasil, o índio, não precisará descer de nenhuma estrela, como previu um poeta baiano. Por mais cruel e sistemática que tenha sido a perseguição do "gentil nativo", como sublinhavam os antigos documentos das tropas de resgate, o índio não sucumbiu na virada do século e na "comemoração" dos 500 Anos, como chegaram a pregar teses acadêmicas apocalípticas.

Se não há muita empolgação com a data, pelo menos ela serve de referência para a resistência. "Estávamos vivos e muito bem vivos", resume o coordenador da Coiab (a entidade dos índios na Amazônia), Euclides Pereira que, no entanto, considera-se igualmente um sobrevivente.

Euclides faz parte de um povo – o macuxi, que vive junto com os taurepang, ingaricó e uaipichana – permanentemente acossado por fazendeiros e garimpeiros na Raposa Serra do Sol, ao Norte de Roraima – a reserva indígena que concentra o maior grau de conflitos e empecilhos para sua demarcação. Nem assim ele admite afa-

tar a importância destas etnias no processo de 500 anos em que se construiu a sociedade brasileira. Dessa empreitada, ele diz que os índios participaram, contribuindo com sua sabedoria, seu suor, sacrifício e cultura, quando não com a própria vida.

O coordenador da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (Foirn) – entidade que congrega 30 mil índios e 22 grupos diferentes –, o tariano Pedro Garcia, 37, lembra que os 500 anos estão muito associados ao massacre físico e cultural perpetrado aos índios. "Esperamos que os próximos 500 anos, até como uma dívida da sociedade brasileira aos índios, possam ser de afirmação dessas nações", diz ele.

Considerado um dos índios mais cultos do Alto Rio Negro, o baré Braz França prefere destacar os aspectos positivos dos 500 anos em relação aos povos indígenas. "Avançamos muito na nossa organização". Até mesmo os índios Dow (ou Camãs) que chegaram a ser dados como extintos após um longo processo de abandono e alcoolismo, acreditam que há motivos, sim, para comemoração. "A situação ainda é difícil para os índios, mas o pior já passou", diz o tuxaua da tribo, Brasilino Mendes, 26, referindo-se às epidemias e ao próprio alcoolismo. Infelizmente, a tragédia ainda acompanha muitas tribos, como a dos jumas (AM) e avá-canoeiros (MA), que estão definitivamente condenados à extinção, porque não há mais como haver procriação.



AMOR A juma Mandei e o uruê-uau-uau Kwoarivuru são um casal que mistura raízes indígenas e influência branca

## Inocência é parte da cultura

A índia juma Mandei, 14, é a terceira filha do velho Aruká. Diferente de suas duas outras irmãs, ela é branca, o que chama a atenção de todos os moradores da Casa do Índio.

Dona de um sorriso lindo e acanhado, Mandei só falou com a reportagem de A CRÍTICA no terceiro dia em que esteve em Porto Velho (RO) procurando pela última índia juma. Mandei tem duas irmãs, Moreá, 25, a mais velha, e Maitá, 20. Dona de cabelos pretos lisos e pelo menos 1,52 m de altura, Mandei fala pouco e mansamente. Mas abre um largo sorriso ao trocar beijos com o marido, o índio uruê-uau-uau

Kwoarivuru, 16, da mesma estatura dela.

"Kwoari (é a maneira carinhosa pela qual a índia denomina seu homem) gosta muito de beijar na boca. Mandei também", diz, sorridente, lábios quase se fechando e torno da boca do pequeno uruê.

Mandei adora peixe, mas não dispensa carne de anta, porco-domato e de veado, "pois é tudo macio". Interrompendo a conversa, Kwoarivuru abre os pequenos braços como se estivesse empunhando um arco e flecha para dizer que adora "caçar e comer porcão".

Mandei e seu marido estiveram em Porto Velho durante a semana

dedicada ao Dia do Índio para que a bonita juma iniciasse o tratamento contra uma pneumonia adquirida na aldeia uruê.

"Vim buscar os remédios para Mandei, mas ela quis que a levasse comigo", conta Kwoarivuru, que não gosta de sair da aldeia para ir à cidade grande. "Prefiro o mato", diz, num misto de voz grossa e fina, própria dos adolescentes.

Numa pequena lanchonete diante da Casa do Índio, onde estavam hospedados, o mignon uruê-uau-uau queixou-se das péssimas condições do local, "onde é tudo sujo e Mandei vai piorar, mesmo tomando medicação".

PADRE ENFATIZA

## Jumas foram arrancados das terras

Para o padre Wolmir Bavaresco, o Cimi sempre foi contra "os jumas terem sido arrancados brutalmente de suas terras pela Funai. Agora, por que isso aconteceu, não sabemos até hoje". O coordenador defende o "urgente" retorno da última família dos índios amazenses à sua tribo, "ou se os uruê-uau-uau quiserem mesmo se casar com as últimas índias jumas, que se mudem para o Amazonas, com a Funai lhes dando todo o apoio e assistência".

Para que haja o retorno das famílias arrancadas de suas terras, a Funai precisa apenas, segundo Bavaresco, liberar um sistema de rádio para ser instalado no posto da instituição e de uma enfermeira para cuidar deles.

Os seis últimos índios jumas chegaram a Porto Velho em outubro do ano passado. Os pais de Aruká, pai de Mandei, 14, a juma mais nova, que vive atualmente na aldeia uruê-uau-uau (a 200 quilômetros da capital de Rondônia), com o garoto índio Kwoarivuru, 14, e duas irmãs, Maitá, 25 e Moreá, 20. O pai de Aruká, cujo nome o coordenador do Cimi disse não recordar, morreu no dia 23 de dezembro de 1998 e Bavaresco não tem dúvida quanto à causa da morte do velho índio: "A saudade da terra dele foi a razão principal".

A avó das três jumas, de nome também desconhecido pelo padre Bavaresco, também foi vítima da saudade de sua aldeia, agravada com a morte do marido, no dia 6 de janeiro deste ano, "e isso é extremamente lamentável".

Aruká, apesar de seus 53 anos, é um índio forte. Por quatro vezes ele chegou a arrumar suas poucas coisas e ensacou-as numa pequena mochila para retornar à aldeia juma, "mas a Funai não permitiu".

Repetindo um gesto antigo desde que chegou a Porto Velho, numa demonstração de raiva e tristeza, Aruká, lembra Bavaresco, chega várias vezes a se amarrar com cipó, "num tipo de ritual que significa tudo o que vinha sentindo por ter sido arrancado de suas terras". Padre Wolmir Bavaresco disse que todos os relatos sofridos dos jumas ele ouviu de índios das tribos parintintin e tenharim, "além de tantos outros que viram e sentiram de perto, na Casa do Índio, o drama dos últimos jumas".

## Burocrata fica calado

"O assunto juma já é do conhecimento da Funai, em Brasília, e vem sendo estudado e analisado para serem tomadas as medidas necessárias. A minha área é administrativa e nada sei sobre este assunto", foi a resposta do administrador regional da Funai em Porto Velho, José Maria de Almeida e Silva, 46, a A CRÍTICA, que procurava saber sobre o "sequestro" de três índias jumas praticado por uruê-uau-uau, no Estado do Amazonas, fato que gerou praticamente a extinção da tribo.

Arredio como os índios, o administrador da Funai, que responde pelo órgão desde 5 de abril deste ano, preferiu atender à reportagem na ante-sala de seu gabinete. Insistindo em reafirmar que desconhecia o assunto, José Maria acentuou que os assuntos relacionados aos índios, seus problemas e as questões da demarcação de suas áreas "eu encaminho para os nossos indígenas e advogado, pois entendo bem de assuntos administrativos, de índios, nada".

Informado pela A CRÍTICA sobre a situação da tribo juma, já quase abrindo a porta de sua sala, concluiu: "Os jornais sabem mais do que eu. A Funai em Brasília está cuidando desse e de outros casos dessas tribos".

VIDA A DOIS

## Vaidade também na aldeia

Há oito meses junto, o casal não quer filhos tão cedo. Andar no mato, pescar, caçar e namorar é tudo o que deseja. Sobre a saída brusca de sua mulher e da família dela das terras juma, Kwoarivuru preferiu não falar nada, limitando-se a franzir o cenho e emitir um som gutural, em sinal de desaprovação à pergunta.

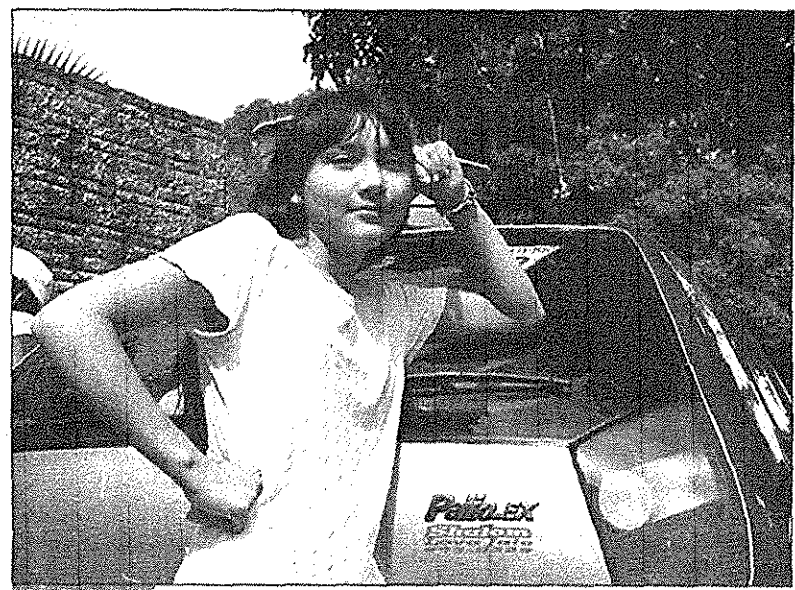
Um dia antes de retornarem à aldeia uruê-uau-uau, distante da cidade de Porto Velho 30 quilômetros de carro, a vaidosa Mandei ostentava, presa aos negros cabelos, uma travessa branca com detalhes vermelhos. O visual se completava com os lábios pintados de batom cor de uva, um vestido e blusa claros, e sandálias novas.

"Foi Kwoari quem me deu", exibiu-se, orgulhosa. Na verdade, ela desejava mesmo era ganhar um cordão de ouro, "mas é muito caro e o dinheiro que eu tinha não deu para comprar", lamentava o apaixonado uruê. Embora falando pouco, Mandei

contou um pouco da história de sua família. Disse que Moreá, 25, a filha mais velha de Aruká, vive com um outro uruê-uau-uau e tem com ele uma filha de 1 ano meio. Maitá, 20, casada com Puruá, ex-vigia da Coordenação da União dos Povos e Nações Indígenas de Rondônia (Cunpir) ainda não tem filhos.

O sonho de adolescente do casal índio é viver intensamente, sem filhos por enquanto. "Nós só queremos passear muito; tomar banho de rio, pescar, caçar porcão, andar no mato e beijar muito na boca", disse Kwoari, entre um copo de guaraná e outro, numa pequena lanchonete diante da Casa do Índio.

Para que a nação juma não desapareça totalmente só existe uma possibilidade, avalia o coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), padre Wolmir Bavaresco, 36: "As mulheres e as crianças devem retornar urgentemente à aldeia juma com seus maridos uruê-uau-uau". Bavaresco disse que, ao chegarem a Porto Velho, os jumas trouxeram, entre seus poucos objetos, muitos pássaros – papagaios, periquitos, curicás etc –, que simbolizariam seus antepassados e suas vidas, segundo antropólogos. Porém, a maioria dessas aves já morreu.



DIFERENTE A bela Mandei posa com jeito de uma mocinha de cidade grande

CONQUISTAS DESTACADAS

## Antropólogo fala de bons resultados

Presidente do Conselho Estadual de Educação Indígena, o antropólogo Ademir Ramos é incisivo sobre os 500 Anos – considera uma ingenuidade a tese de que os índios não devem participar das comemorações e diz que a data tem tudo a ver com eles. Fundador do jornal "Porantim" – o emblemático periódico especializado nas questões indígenas –, Ademir Ramos destaca que os índios obtiveram muitas conquistas nos últimos anos e isso alterou profundamente a sua realidade nas últimas décadas na Amazônia.

A CRÍTICA – Qual o significado dos 500 Anos para os povos indígenas da Amazônia brasileira?

Ademir Ramos – A oportunidade possibilita destacar a grande importância dessas culturas na formulação dos valores sociais e culturais em toda a configuração da formação demográfica do Brasil. Em termos de perspectiva, destaca-se a resistência desses povos para fazer valer sua organização e sua cultura.

AC – Os índios "amazônicos" têm algo a comemorar efetivamente nesta data?

AR – Comemorar no sentido festivo, absolutamente não. Entretanto, devem-se enumerar vitórias neste embate favorável a luta destas nações: afirmação de sua identidade, a possibilidade de sobreviver às adversidades (guerra, escravidão e doenças), o processo de aprendizado

que fora acumulado no curso da história convertido hoje nas alianças políticas e nas organizações com reconhecimento constitucional.

AC – Que tipo de comemoração deve ser feitas pelos índios no Dia?

AR – Especificamente, as próprias lideranças indígenas estão se mobilizando para manifestar a sua versão sobre os 500 Anos, como por exemplo, a mobilização nacional de todas as organizações indígenas em direção a Porto Seguro, como resultado de assembleias e encontros regionais, tendo por encerramento o encontro intertribal, como manifestação de nações, frente à sociedade nacional.

AC – Na condição de presidente do Conselho Estadual de Educação Indígena, qual a avaliação que o sr. faria da situação destes povos na Amazônia?

AR – Na Amazônia, onde se concentrava a maior população indígena do Brasil, e por ele o Brasil fora "conquistado" em um primeiro momento pelos espanhóis e depois pelos portugueses, as populações indígenas representavam os braços e pernas dos colonizadores. Esta relação desigual deixou sequelas profundas na alma e na memória desses povos.

AC – Efetivamente, os índios estão aumentando populacionalmente, mas os últimos dados indicam um recrudescimento de doenças endêmicas?

AR – A ameaça de extinção de alguns

destes povos perdura, infelizmente.

AC – Os índios sempre foram fundamentais do ponto geopolítico, salvaguardando nossas fronteiras. Por que o Estado brasileiro não os tem inserido em suas políticas de desenvolvimento para a região?

AR – A pergunta é tão verdadeira que Joaquim Nabuco em seu tratado sobre Direito do Brasil afirma categoricamente que os verdadeiros defensores do sertão da Amazônia foram os índios. E eu diria agora: são os índios. Lamentavelmente, não foram reconhecidos no processo pelo Estado, nem tampouco hoje, como se pode ver nos batalhões de fronteira, servindo apenas como guia ou como servicial dos técnicos especializados. Penso que seja necessário fortalecer as organizações tradicionais deste povos, que vivem nas fronteiras brasileiras criando condições para que possam participar da vida nacional, não como pobre índio, mas como cidadão, garantindo as salvaguardas territoriais do Estado.

AC – Como foi possível os índios aprenderem a fazer a sua política tão rápido?

AR – Objetivamente, os índios sobreviveram como pedaços de populações fragmentadas deste grande território nacional. Garantiram territórios através das lutas demarcatórias, se impuseram como populações diferenciadas. No entanto, o marco na história desses povos foi a forma e o reconhecimento de seus direitos na Constituição de 88, objetivamente falando. Em síntese, as lideranças se apropriaram das representações que os brancos lhes atribuíam para fazer política, conquistar espaço e, sobretudo, garantir direitos fundamentais.

“NÃO ADIANTA LAMENTAR O QUE ACONTECEU NO PASSADO, QUE FOI DE DOMINAÇÃO TOTAL DOS ÍNDIOS. TEMOS E QUE RECONHECER A BRAVURA DOS NOSSOS ANTEPASSADOS QUE RESISTIRAM AOS COLONIZADORES. SE NÃO FOSSEM ELES, NÃO ESTARIAMOS AQUI AGORA DISCUTINDO”

LEÔNICIO MACHADO, o índio que passou em primeiro lugar no Vestibular da UA em 1993, no Alto Rio Negro